

APDSI

ASSOCIAÇÃO
PARA A PROMOÇÃO E DESENVOLVIMENTO
DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO



CONCLUSÕES DA APDSI

Meetup da APDSI sobre “O Livro e a Edição na Era Digital”

29 de novembro de 2019

QUAL O FUTURO DO LIVRO E DA EDIÇÃO EM PAPEL FACE AO DIGITAL?

*A APDSI realizou, no passado dia 14 de novembro, um meetup subordinado ao tema “**O Livro e a Edição na Era Digital**”. O evento teve lugar no Antigo Picadeiro no Museu Nacional de História Natural e da Ciência, em Lisboa, **numa organização conjunta com a Imprensa Nacional – Casa da Moeda (INCM)**, a cujo presidente, Eng. Gonçalo Caseiro, se fica a dever uma inestimável colaboração, que nos compraz sublinhar e agradecer.*

*Este meetup pretendeu igualmente associar-se às **comemorações dos 250 anos da Imprensa Nacional**.*

Em debate esteve o futuro do livro e da edição, num salutar confronto de perspetivas entre os presentes, durante o qual foi possível analisar as tendências que marcam a evolução neste setor. Foi, em particular, recordado que o primeiro livro digital data de 1993, tendo surgido em 2010 o primeiro iPad.

Os intervenientes apontaram algumas características dos livros em papel, que as versões digitais ainda não conseguem imitar, desconhecendo-se se alguma vez o chegarão a fazer. Outra questão abordada disse respeito ao pretérito papel do livro como sinal de uma determinada classe social, perguntando-se em que medida a evolução digital poderá contribuir para uma eventual atenuação dessa desigualdade.

“NÃO ME AGRADA A IMATERIALIDADE DO LIVRO DIGITAL”

O livro em papel, enquanto objeto de fruição e cultura, vem resistindo à morte anunciada pelo digital, oferecendo, ainda, uma experiência preferida por muitos consumidores, face à obtida através da utilização de dispositivos eletrónicos de leitura. Bárbara Bulhosa, diretora e fundadora da firma editora Tinta-da-China, admite que tem uma muito maior fruição da leitura no papel do que no ambiente digital. A Tinta-da-China tem uma identidade visual única, que a distingue enquanto editora, e que traz valor acrescido à leitura também pela encadernação do livro. Referindo-se à sua experiência enquanto profissional, Bárbara Bulhosa diz preferir o controlo que tem sobre o produto físico – se são impressos dois mil livros, têm de ser tidos em conta dois mil exemplares com direitos de autor.

“Não me agrada a imaterialidade do livro digital. Acredito que quem gosta de ler livros também os encara como objetos. Acho que o livro é como a roda ou a faca – a invenção perfeita, ninguém conseguiu fazer melhor, e a melhor invenção do mundo não vai ser ultrapassada. Um livro dificilmente é deitado fora: tem cheiros e notas pessoais”, revela, com paixão, Bárbara Bulhosa.

O LIVRO ENQUANTO SINÓNIMO DE CONSUMO INTELECTUAL

Duarte Azinheira, Diretor Editorial e de Cultura da INCM, no papel de moderador, diz-se também maior adepto do livro em papel, embora seja um grande consumidor do formato digital, desde os primeiros aparelhos Kindle que surgiram no mercado.

“Os grandes leitores em digital são, efetivamente, grandes leitores, acima de tudo”, congratula-se Duarte Azinheira, enquanto ressalva que um livro em papel tem, além do valor do seu conteúdo, um valor patrimonial que durante muito tempo foi sinónimo de consumo intelectual.

Contrariamente ao livro, a imprensa escrita reflete uma tendência distinta. A título de exemplo, o jornal Público tem já hoje mais assinantes em formato digital que em papel.

Em 2008, na conhecida Feira de Frankfurt, os grandes CEOs da área deixaram a previsão de que, em dez anos, o livro em papel estaria acabado. Facto curioso relatado no encontro da APDSI é que, em 2018, essas mesmas empresas voltaram a reunir e admitiram o erro. Globalmente, não há nenhum ano em que se tenham vendido menos livros em papel do que no ano anterior.

Experiências feitas com nativos digitais provam que, quando têm de fazer a síntese de várias páginas de leitura, conseguem-na fazer com melhores resultados através da edição em papel. Ler no digital não é tão rápido, temos de voltar mais vezes atrás para assimilar o conteúdo, concluíram, ainda, outros estudos feitos no âmbito da digitalização de livros.

Por comparação, foi igualmente referido o exemplo da digitalização da música, cujo problema tem moldes diferentes: os formatos mp3 e aac são aceites por todos os equipamentos. No caso dos livros eletrónicos, os grandes *players* têm formatos proprietários (Wook, ePub da iBookstore e Kindle). Esta situação é complicada de gerir pelo utilizador normal porque obriga a registos e não garante a retrocompatibilidade - não sabemos o que vai acontecer a estes livros daqui a 10 anos - mas os que estão nas bibliotecas nunca acabarão.

Ainda assim, o crescimento dos *ebooks* e *audiobooks* é inegável e a indústria do livro, por seu lado, tem adaptado os seus processos produtivos e logísticos, de forma a disponibilizar o livro ao leitor, qualquer que seja o formato e o local escolhido para a sua obtenção, de forma eficiente e sustentável. Em Portugal, os livros em formato digital não são um sucesso assinalável, ao contrário dos Estados Unidos, o que acontecerá, muito provavelmente, porque é lá que estão os maiores fabricantes de leitores digitais.

Jorge Silva, Designer Editorial e Fundador da Silvadesigners, recordou os tempos de fundação de uma revista de Idanha-a-Nova, a Adufe, que foi a primeira revista nativa portuguesa em suporte digital.

O DIGITAL EM LIVRO E EM REVISTA/JORNAL

Assumindo que o digital faz sentido num jornal ou revista, mas não no livro, Jorge Silva olha para o livro em formato digital como apenas mais um objeto que faz parte da imaterialidade que temos na comunicação a todos os níveis. O nosso cérebro interpreta erradamente essa informação como descartável, embora seja fundamental para a nossa cultura; aprendemos a nossa cultura através dos livros.

“Comprei um policial nórdico para ler, mas nunca passei da página 10 porque me esquecia do que lia”, desabafa.

Todavia, é fácil perceber que, nos tempos que correm, há um modo de vida que assenta quase todo no digital. O livro concorre com muitas das atividades que fazemos nos nossos tempos livres e com os nossos recursos. A sociedade convive mal com a leitura séria e vai precisando de se refugiar em conteúdos ligeiros e superficiais.

A tecnologia está a resolver o problema de algumas inviabilidades económicas de arranque de produção de determinados projetos. Pode dizer-se que “enterrou” o livro, mas está a permitir que o mesmo continue a ser viável em tiragens menores e com uma enorme valorização no seu formato físico. O reflorescimento do livro que se tem verificado, em boa parte, devido ao design do livro, não acontece nos jornais onde as tiragens “são assustadoras e más”, descreve Jorge Silva.

O digital num jornal faz sentido, uma vez que a necessidade e urgência da informação faz com que, mal seja publicada uma notícia, já esteja quase a ser peça de museu.

Bárbara Bulhosa acredita que o livro está a encontrar um novo e confortável espaço na sociedade e voltará a ser parte integrante das famílias mais favorecidas, uma vez que o tempo de leitura é, cada vez mais, um luxo. “Nós temos uma grande necessidade de entretenimento. O tempo para leitura é novamente algo só dos ricos, por isso, o livro vai voltar a ser um luxo. Tempo é dinheiro”, conclui, enquanto reclama que os escritores têm de ser melhor remunerados pelo seu trabalho, tempo e investimento: “ser escritor não tem de implicar ser miserável”.

Jorge Silva também comunga da opinião de que há um lado museológico no livro em papel: “As bibliotecas serão sempre um museu, o resultado de uma história feliz de um percurso natural da civilização”.

Findo o debate, teve lugar uma visita à exposição “Indústria, Arte e Letras. 250 Anos da Imprensa Nacional”, que esteve patente até 24 de novembro, no âmbito das comemorações dos 250 anos da Imprensa Nacional. Ao longo de 10 núcleos, “Indústria, Arte e Letras. 250 Anos da Imprensa Nacional” revisitou a história da fundição de tipos, das oficinas tipográfica, de impressão, de gravura e de litografia, do património tecnológico e editorial e ainda do ensino técnico e artístico.

SOBRE A APDSI

Criada em 2001, a Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Sociedade da Informação (APDSI) tem por objetivo a promoção e desenvolvimento da transformação e inclusão digital em Portugal, reunindo com este interesse comum profissionais, académicos, empresas, organismos públicos e cidadãos em geral.

Na linha destes propósitos a APDSI tem vindo a desenvolver diversas atividades em torno de causas tecnológicas e sociais, que se traduzem num conjunto de eventos, recomendações e estudos realizados por grupos de trabalho multidisciplinares em diversas áreas de intervenção, como a Segurança, os Serviços Públicos Digitais, a Saúde, a Cidadania e Inovação Social, o Território Inteligente,

a Governação das TIC, a Inteligência Digital, a Política Digital e Governança, os Futuros da Sociedade da Informação e as Competências digitais.

Em todos estes trabalhos a APDSI procura identificar as tendências de evolução e também as interações entre as tecnologias e outras dimensões sociais e económicas, contribuindo com uma visão mais aberta para a discussão e tendo como meta a eficaz perceção e implementação destes conceitos na Sociedade Portuguesa. A APDSI tem o Estatuto de Utilidade Pública e foi em 2008 reconhecida como ONGD.

ASSOCIE-SE

URL | www.apdsi.pt

mail | secretariado@apdsi.pt



Associação de Utilidade Pública
ONG – Organização Não Governamental

Rua Alexandre Cabral, 2C – Loja A
1600-803 Lisboa – Portugal
URL: www.apdsi.pt

Tel.: (+351) 217 510 762
Fax: (+351) 217 570 516
E-mail: secretariado@apdsi.pt

Patrocinado por:



Patrocinadores Globais:

